

Candidato do pequeno PSL defende o imposto único

Ex-deputado do PFL, Luciano Bivar critica a sanha arrecadatória do governo federal

MARCOS SEABRA
SÃO PAULO

O empresário Luciano Bivar é figura conhecida no Nordeste brasileiro. E não é sem motivo. Há muito tempo ele preside um dos mais populares clubes de futebol da região: o Sport Clube do Recife. Agora tentará um voo maior. Bivar se tornou presidente do nanico Partido Social Liberal (PSL) e é um dos oito postulantes à Presidência da República.

Registrado como o candidato de maior patrimônio pessoal entre os aspirantes ao Palácio do Planalto — pouco menos de R\$ 9 milhões —, Bivar é proprietário de seguradoras, grande aplicador em fundos de investimentos no exterior e em imóveis no Brasil. A curiosidade é que entre seus bens o candidato declarou um revólver Taurus calibre 38, avaliado em R\$ 590,00.

Porém, o presidente do PSL e ex-deputado federal pelo PFL foi envolvido em investigações de lavagem de dinheiro realizadas pela Procuradoria da República, baseada em uma extensa fiscalização do Banco Central. Em 2002, o BC relatou ao Ministério Público a existência de uma rede milionária suspeita de acolher operações de desvio e lavagem de dinheiro. A teia, que teria movimentado mais de R\$ 200 milhões em seis anos, envolveria o então deputado Luciano Bivar (PFL-PE), além de agências de câmbio, laranjas e empresários nordestinos. “Pode ser que algum cheque meu tenha ido parar em alguma das empresas envolvidas, porque elas trabalham com isso, mas não tenho nada com a área de câmbio e com as investigações do Banco Central”, afirmou Bivar.

Com ou sem popularidade suficiente para ter sucesso na eleição, Bivar tem propostas para reformas tributária e político-partidária, e para uma troca de função do Estado. “Acho que o Brasil precisa, antes de um presidente político, um presidente gerente”, sugere.

Veja a seguir os principais pontos da plataforma de campanha de Luciano Bivar, descritas em entrevista a este jornal.

◆ Proposta

“A nossa principal proposta é a do imposto único federal. Com ele, teremos não só simplicidade da tributação como um desdobramento social muito grande. Com o imposto único poderemos trazer para a sociedade 50% das empresas que hoje vivem na informalidade. É essa informalidade que causa a exclusão social que assistimos na atualidade. Es-

sa proposta não é uma ilusão. Em 2001, nós entramos no Congresso com um projeto de emenda constitucional sobre assunto. O projeto foi submetido à mesa e aprovado por uma comissão especial que a aprovou. A proposta está pronta para ser votada, é uma questão apenas de vontade política. Com isso acredito que já poderíamos ter uma melhora significativa na nossa economia. Existem candidatos que querem falar só em Educação, ou outro tema específico. Tudo nesse País é prioridade, educação, segurança, saúde, transporte, tudo. Mas primeiro devemos resolver o problema tributário.”

◆ Reformas

“As reformas política e eleitoral são necessárias. Estou consciente disso. Quando fui congressista propus uma emenda constitucional, alcinhada de a verdadeira reforma eleitoral, que diz que será eleito o mais votado em todas instâncias. Isso evitaria, por exemplo, a migração de partido — não aqueles que o fazem por ideologia, mas por ter sobra de votos. Se o PFL tem 10 candidatos e 10 votos de legenda puro será um voto para cada um. Só. Acabaria aquela história de sobra de votos que distribui pra todos e que acabam dando posse para quem não foi votado, como nessa legislatura que empossou deputados com 300, 400 votos. Que representação democrática tem esse rapaz? Nenhuma. Há um distorção. Com a nossa proposta isso acaba e, junto, o aliciamento e a corrupção eleitoral. O sujeito vai para o partido pelo ideal, pelo programa do partido”.

◆ Candidatura

“Não é uma questão de revolta e sim de indignação que leva, não só ao fato em si de ser candidato, mas a uma proposta real. Eu acho que o Brasil precisa, antes de um presidente político, de um presidente gerente. Temos que administrar essa máquina pública o que passa pela diminuição do tamanho do Estado e também suas despesas. O nosso Estado hoje não deixa de ser uma República fiscalista, um Estado arrecadador e que só pensa em arrecadar. O político em São Paulo, por exemplo, esquece da qualidade de vida da população e só pensa em arrecadar, tanto é que o Alckmin (Geraldo Alckmin, candidato à Presidência pelo PSDB), quer acabar com a guerra fiscal. Pôxa, a guerra fiscal é uma coisa saudável. Mas como as pessoas só estão preocupadas em aumentar a arrecadação, eles continuam nessa mesma política arrecadatória. A verdade é que temos o PSDB que pegou o governo com uma alíquota (ICMS) de 28% e deixou em 34% a 36%. Não vejo perspectiva, por exemplo, dos jovens arranjam trabalho. Só em São Paulo existem 1,5 mi-

lhões de pessoas desempregadas e, a maioria, sem perspectiva de arranjar trabalho. É o caos.”

◆ Cláusula de barreira

“Tenho consciência de que é preciso bloquear os partidos pequenos que, em sua grande maioria, são corruptos, picaretas. Hoje eu estou sendo tratado com preconceito pela mídia por conta dos outros. Tem que ter realmente uma cláusula de barreira, mas de uma maneira mais inteligente para que se separe os picaretas dos sérios. Uma proposta que seja mais justa. Eu discordo do jeito que está. A partir desta eleição os partidos pequenos estarão mortos. Não se pode ser deputado e viver lá (Câmara) como um zumbi. Imediatamente eles vão migrar para outro partido. Os partidos vão acabar por falta de fidelidade. O deputado vai virar e dizer que sente muito, mas vai sair porque ele precisa participar de uma comissão. O pior é que irá haver uma ditadura parlamentar. Ou seja: vão existir no máximo cinco ou seis partidos que irão propor para 2010 uma lista fechada de candidatos, que provavelmente irá ser aprovada logo depois da eleição. Será como o parlamento português em que não se sabe em quem se vota. Lista que não muda nunca. Portugal hoje só cresce porque está sendo empurrado pela comunidade europeia, em função do conservadorismo de seu parlamento. Essa visita do Alckmin à Portugal demonstra o

sentimento elitista do parlamento. Será uma ditadura parlamentar, onde os caciques dos grandes partidos irão mandar neste País. Nem o presidente da República terá mais poder que eles. Teremos, este ano, talvez a última oportunidade de votar em um deputado. Se nesta legislatura nos arrependemos de ter eleito um determinado deputado, imagine delegar o poder de eleger aos caciques dos partidos. Os ânimos serão ainda mais brutais. Para se ter uma idéia, foram os caciques dos

“Acho que essa eleição pode surpreender muito, pois a maioria dos eleitores não tem ainda convicção do candidato que escolherá”

partidos que nos decepcionaram nessa legislatura.”

◆ Pretensões

“Se eu soubesse agora que eu perderia a eleição no primeiro turno por um voto, hoje mesmo eu abdicaria da minha candidatura. Eu aposto no discernimento, acho que temos uma proposta viável. Se a mídia nacional for tolerante com os candidatos desconhecidos e abstrair a questão de que partido é, além de examinar as propostas eu tenho certeza de que teremos sucesso, porque a nossa proposta é factível, exequível e é imbuída de honestidade de

propósitos. De qualquer forma, a minha contribuição eu vou dar à sociedade.”

◆ Campanha

“Se tivéssemos o mesmo espaço que os outros partidos tenho certeza que teríamos sucesso. Eu fiz uma carta ao ministro Marco Aurélio (presidente do Tribunal Superior Eleitoral, TSE) para que ele, ou acabe com as pequenas siglas de uma vez, inclusive a minha, ou faça que se obedeça a lei em um sistema pluripartidário onde todos têm igualdade de participação. ‘Fazer de conta’ até no processo eleitoral, o que é inadmissível. É esse poder dominante que denuncio.”

◆ A eleição

“A crise política acabou abrindo espaço para outras candidaturas. A democracia é lenta, mas é depurativa. Infelizmente ela está eivada de vícios no nosso processo eleitoral. Temos uma proposta absolutamente diferente, inusitada, mas que não chega ao conhecimento do eleitor. É preciso que haja mecanismos que garantam que propostas como essa cheguem realmente ao eleitor, já que se diz que tudo tem que ser transparente em uma eleição. O erro e o vício já começa por aí o que prova que o processo está cheio de picaretas, folcloristas ou de um segmento radical, mas que é tão bom para vender que todo o dia está na mídia. Todo o processo é viciado e temos lutado contra isso.”

◆ Segundo turno

“No segundo turno, onde espero chegar, ganhando ou não sairemos satisfeitos. Mesmo hoje no primeiro turno se algum candidato encampasse as nossas idéias ficaríamos felizes. As pessoas não fazem idéia do prejuízo pessoal que tenho. A renúncia da privacidade por ser candidato. Se pudesse, estaria apoiando alguém, como os caprichos da vida me trouxeram até aqui vou até o fim. Antes dos discursos vem o homem. O PSDB sempre teve um discurso, mas na prática sempre foi o protetor de um estado forte. Eles pegaram a economia, elevaram os impostos. O PT nunca me decepcionou por que sempre soube que o partido era estatizante. Tanto é verdade que o povo não acredita mais no PSDB, porque vai contar a mesma história como o fez durante oito anos, e na hora vai aumentar a carga tributária como o fez. O PT pegou tudo de bandeja: um estado forte, arrecadador com o qual pode fazer o assistencialismo que ele quiser.”

◆ O resultado

“Acho que essa eleição pode surpreender muito, pois ninguém tem convicção do candidato. Como os candidatos que estão aí já tem o recall, e estão na mídia não há muita escolha. Mas pode haver uma surpresa porque o povo está indeciso. Tenho a convicção que o povo tivesse conhecimento da nossa proposta poderíamos ter sucesso nesta eleição.”



Luciano Bivar